

Luiz Beltrão: uma vida dedicada à Comunicação Social

MARQUES DE MELO, José e TRIGUEIRO, Osvaldo M. (orgs.). **Luiz Beltrão**: pioneiro das ciências da comunicação no Brasil. João Pessoa: Ed. UFPB/Intercom, 2008. 262 p.

Guilherme Moreira Fernandes¹

Luiz Beltrão certamente é o grande nome da ciência da comunicação no Brasil. Pesquisador audacioso Beltrão percorreu no campo da teoria da comunicação, criando uma nova forma de estudos, a teoria da folkcomunicação; sistematizou o ensino do jornalismo, deixou sua contribuição para as relações públicas e ainda escreveu romances e crônicas.

O livro organizado por José Marques de Melo, aluno e discípulo de Beltrão, que juntamente com Roberto Benjamin e Teresa Halliday, teve a preocupação de sistematizar o pensamento beltraniano – e Osvaldo Trigueiro, que se configura hoje como um dos principais estudiosos da teoria da folkcomunicação e responsável por buscar novas metodologias e ampliar a teoria formulada por Beltrão.

Em 1998, Roberto Benjamin organizou o livro “Itinerário de Luiz Beltrão”, que reuni os passos percorridos pelo pernambucano, nascido em Olinda, em 1918, além de depoimentos e correspondências de pessoas que viveram próximas a ele. Já este volume de Marques de Melo e Trigueiro objetiva apresentar como o trabalho de Beltrão ainda presente e necessário para se entender o campo comunicacional brasileiro. O volume apresenta artigos de estudiosos da obra de Beltrão em todo o país.

José Marques de Melo, que recentemente lançou “Mídia e Cultura Popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação” (Paulus/2008), abre primeiro capítulo. O autor relembra a trajetória de Beltrão e instiga os novos pesquisadores a traçarem novas metodologias e buscar outros objetos de pesquisa. Maria Cristina Gobbi, Rosa Nova, Nicolau Maranini e Paulo Rogério Tarsitano nos apresentam a vida de Beltrão, que nasceu no dia 08 de agosto de 1918 em Olinda-PE, vindo a falecer em Brasília em 24 de outubro de 1986, escreveu mais de vinte livros, fundou o primeiro instituto de pesquisa em comunicação (ICINFORM,

¹ Graduado em Comunicação Social pela UFJF. Aluno Especial do PPGCom da UFJF. Membro da Rede Folkcom. Email: gui_facom@hotmail.com

em 1963), criou a primeira revista científica de comunicação (Comunicação & Problemas, em 1965). Instituiu a primeira teoria da comunicação brasileira, a Folkcomunicação (1967), sendo assim, o primeiro doutor nesse campo de estudo no Brasil.

Antônio Teixeira de Barros, Cristina Schmidt e Cláudio Cardoso de Paiva apresentam a teoria da Folkcomunicação. A partir do artigo “O ex-voto como veículo jornalístico”, publicada na primeira edição da revista Comunicação & Problemas, em 1965, Beltrão inicia seus estudos com uma nova forma de estabelecer a comunicação, fugindo dos meios ortodoxos e indo às práticas populares, fronteira com o folclore. Em 1967, Beltrão apresenta sua tese de doutorado na UnB definindo sua teoria e expondo meios de estabelecer comunicação de forma ligada direta ou indiretamente ao folclore. A parte empírica dessa tese foi publicada em 1971 com o nome de “Comunicação e Folclore” (Ed. Melhoramentos). A obra na íntegra só foi publicada em 2001, por iniciativa do Prof. Antônio Hohlfeldt, pela EDIPUCRS. Porém o volume em que Beltrão expõe formas de pesquisa e os grupos marginalizados que compõem o sistema da folkcomunicação foi em 1980, “Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados” (Ed. Cortez), desde modo Beltrão estabeleceu a audiência folk, composta pelos grupos marginais urbanos, rurais e culturais. A partir de 1998, por iniciativa da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, é realizado, anualmente, a Conferência Brasileira de Folkcomunicação, em que pesquisadores de folkcomunicação se reúnem e propõem novos objetos e metodologias folkcomunicacionais. No ano de 2004, sob iniciativa da Profa. Cristina Schmidt foi criada a Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom) que busca, entre outros objetivos, delinear o campo da folkcomunicação e definir seu arcabouço teórico e metodológico. Hoje, a Profa. Betânia Maciel, da Universidade Federal Rural do Pernambuco (UFRPE), é a diretora da rede.

Roberto Benjamin, Osvaldo Trigueiro e Severino Lucena, pesquisadores que primam pela coerência e são responsáveis por atualizar a teoria de Beltrão em face à sociedade globalizada apresentam pontos interessantes. Benjamin, que já nos brindou com dois importantes livros que refletem a folkcomunicação, “Folkcomunicação no contexto da massa” (Ed. UFPB/2000) e “Folkcomunicação na sociedade contemporânea” (Com. Gaúcha de Folclore/2004), apresenta práticas populares no contexto das novas tecnologias da comunicação, em que a Internet se configura como canal de expressão para pagamento de promessas, os cantadores-de-viola têm seu próprio CD e as tribos indígenas produzem seu

próprio vídeo. Até poetas populares têm sua própria *home page*. Assim, expressões que antes só poderiam ser vistas *in loco*, hoje podem ser visualizadas em todo o mundo.

Trigueiro aponta que todos os receptores são ativos ou ativistas, não havendo espaço vazio na comunicação, nem sujeito ausente incapaz de decodificar as mensagens dos *mass media*. O ativista midiático é um narrador da cotidianidade, guardião da memória da identidade local, reconhecido como porta-voz do seu grupo social, que encadeia as modificações e atualizações para os propósitos de uso ou não e de consumos dos bens simbólicos e materiais nas redes de comunicação. Nesse modo, o pesquisador aponta para a substituição dos agentes intermediários (líder de opinião) para os mediadores ativistas. Foi a constatação do ativista midiático que levou Trigueiro a lançar “Folkcomunicação e Ativismo Midiático” (Ed. UFPB/2008), resultado de sua tese de doutorado.

Lucena Filho em “A festa junina em Campina Grande: uma estratégia de folkmarketing” (Ed. UFPB/2007) apresenta uma nova forma de estudos no campo folkcomunicacional, denominada folkmarketing. A união entre a comunicação organizacional e as manifestações do folclore gerou esse novo campo de estudo. No artigo o professor mostra o discurso utilizado por empresas em cordéis (mídia típica da folkcomunicação). Com isso as organizações adquirem visibilidade graças ao uso de uma linguagem de domínio afetivo e cultural dos seus públicos de interesse. Outros avanços da Teoria da Folkcomunicação podem ser conferidos no livro organizado pela professora Cristina Schmidt “Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos” (Ductor/2006).

Os estudos de jornalismo são apresentados nos artigos Alfredo Vizeu e Luiz Custódio da Silva. Em seu primeiro livro teórico “Iniciação à Filosofia do Jornalismo” (Ed. Agir/1960), Beltrão começa uma tradição sobre a prática e a teoria deste campo de estudo. Com a trilogia, “A imprensa informativa” (Ed. Folco Masucci/ 1969), “Jornalismo Opinativo” (Ed. Sulina/1980) e “Jornalismo Investigativo” (Ed. Sulina/1976), ele sistematizou o ensino do Jornalismo, estabelecendo regras de redação e apuração, definindo de forma clara as delimitações e limites dos gêneros jornalísticos: informativo, interpretativo e opinativo. O trabalho de Beltrão antecipava abordagens e enfoques que seriam enriquecidos e aprofundados com as teorias contemporâneas dos discursos jornalísticos, fruto de seu trabalho como jornalista do Diário de Pernambuco e como professor da Universidade Católica de Pernambuco.

Um dos campos da comunicação social que quase não se houve falar no trabalho de Beltrão é do das Relações Públicas. Jorge Duarte destaca que Beltrão, ao contrário de outros jornalistas, usava estratégias de comunicação como o Prêmio “Moinho Recife” e até mesmo o Icinform para firmar a imagem do curso de jornalismo como alternativa para se ter um profissional com sólida formação ética, técnica e política. Duarte aponta que o principal exemplo da prática de comunicação na busca de atingir os objetivos organizacionais pode ser encontrado no trabalho que Beltrão exerceu na FUNAI, em que criou a assessoria de imprensa e relações públicas. Neste trabalho Beltrão ai além da divulgação e preocupa-se em analisar como a mídia retratava a FUNAI. Além disso, publicou diversos textos em jornais e o livro “O índio: um mito brasileiro” (Vozes, 1977). Para Beltrão uma atividade de relações públicas deve ser feita com base em pesquisas que mapeassem a realidade e oferecessem subsídios concretos de atuação e avaliação que garantisse o exame dos resultados obtidos.

Os livros de ficção escritos por Beltrão aparecem no texto de Antônio Hohlfeldt. O professor destaca os romances e novelas de Beltrão dizendo que evidenciam um amadurecimento literário que se traduz nos temas e na linguagem com que aborda cada um deles, como: “Os senhores do mundo” (Folha da Manhã/1950), “As sombras do ciclone” (Vozes/1968), “A serpente no atalho” (Coordenada/1974) e “A greve dos desempregados” (Cortez/1954). Não podemos deixar de mencionar também a contribuição de Hohlfeldt a teoria da Folkcomunicação ao defini-la como o estudo do processo comunicacional das classes populares e não um estudo das classes populares e do folclore, como aparece em muitos textos.

O livro ainda contém depoimentos de Arael Menezes da Costa e Olga Tavares sobre o professor Luiz Beltrão; a presença de Beltrão na Paraíba em textos de Osvaldo Trigueiro e Iveraldo Lucena; e no Maranhão, por Roseane Pinheiro. Indicamos a leitura a todos que se dedicam ao estudo da Comunicação Social e querem conhecer um pouco mais sobre a obra desse ‘pai’ das ciências da comunicação no Brasil.